Abril está exilado!

Trinta anos depois, 11 razóns para unha nova primavera

Manifesto de abril escrito por Rosa Aneiros e André Cunha

Rafael, como sempre, na pátria que é a noite, ouvia rádio. Nela tinha escutado as músicas que furayam o muro erguido por Salazar. Nela tinha reinventado a poesia, a voz da liberdade, o verdadeiro poder. Com ela tinha partilhado o exílio em tantas cidades sem nome. Não ouviu, porque ainda estava exilado naquela madrugada, mas recordou mais tarde tantas e tantas vezes as senhas que ela deu aos capitães de Abril, o grupo de militares que há 30 anos fez a revolução dos cravos, colocando um ponto final a uma ditadura fascista de intermináveis décadas e a uma guerra colonial cuja factura o mundo ainda paga. As senhas. 22.55 "E depois do Adeus", Paulo de Carvalho. 00.20, noutra frequência, "Grândola Vila Morena", Zeca Afonso. Trinta anos depois, a telefonia traz agora a Rafael um adeus que ele tem vontade de censurar: "Morreu este Domingo [11 de Abril de 2004], Francisco Lyon de Castro. Era o mais velho editor do mundo no activo. Foi desde a juventude um opositor do regime do Estado Novo. Antes do 25 de Abril, ele editou autores proibidos como Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Garcia Marquez e Jorge Amado. Foi várias vezes preso pela PIDE [a polícia política], por publicar as palavras que o lápis azul queria riscar. Fugiu primeiro para Espanha e depois esteve exilado em França(...)".

Rafael -personaxe central que dá título á ultima novela do político, escritor e sobre todo poeta Manuel Alegre, publicado o pasado febreiro- escoita de seguida a gabanza ao falecido, na voz do seu alter-ego: "ele foi um homem que lutou por Abril antes de Abril o ser", dicía Alegre que falou, na reacción en quente para o éter, de un "grande lutador pela democracia" que merecía festexar hoxe o 30° aniversario da revolución.

Foi o encontro, ora na vida ora nos livros, destas três personagens heróicas, Rafael, Manuel Alegre e Francisco Lyon de Castro, que nos fez pensar (ainda mais) naquela primavera em que uma revolução pacífica permitiu todos os sonhos. Nós, filhos dessa madrugada, sentimos que abril nos foi roubado por unha máscara, por alguns erradamente chamada democracia, que encobre claros procesos de ocupación económica e sometemento social amparados baixo a bandeira da liberdade. Nós non queremos ser cómplices desta barbarie.

Europa, uma prisão isolada

Os países que se chamam a si próprios "desenvolvidos" estão a fechar-se nas últimas décadas numa prisão, isolada do resto do planeta, onde milhões de privilegiados gozam de um nível de vida que roça o insulto se o compararmos com a miséria dentro da qual sobrevive a grande maioria da Humanidade. As tensões que sacodem a epiderme da Terra e os inúmeros conflitos não resolvidos logo desde os processos de descolonização ou, melhor dizendo, de abandono político e subjugação económica, provocaram um conjunto de fenómenos que são muito preocupantes. O auxe do puritanismo en EEUU; o incremento e mesmo consentimento social de movementos neonazis en Europa; a sangría provocada nas fronteiras de terra ou mar, para impedir a chegada de inmigrantes curiosamente chamados ilegais proban que no corazón da Europa medra unha cortina de Schengen onde cada fronteira e cada embaixada son moitas veces un

checkpoint case infranqueable para moitos cidadáns do mundo, como nós e coma ti; a constatada censura acometida polos Estados e vulneración do dereito á información dos cidadáns posta de manifesto nos últimos anos; a restrición de liberdade de movemento, reunión e expresión, xunto coas dramáticas políticas neoliberais son algunhas das vagas que sacoden, como un terremoto, os cimentos do noso presente. A implantación do terror, a sospeita e demonización do outro merma as liberdades do home e da muller e axiganta as fendas entre unhas culturas e outras cando a mestizaxe se presenta como a única garantía de supervivencia.

Destruímos o muro de Berlín en 1989 e hoxe permitimos, cun cinismo que acubilla astronómicos intereses económicos, o muro da vergoña en Gaza e Cisxordania, construído com a maior das corrupções morais da actualidade e o absoluto desrespeito de numerosas resoluções internacionais. Podemos dicir que este muro em Palestina e todos os outros que as televisões não mostram simbolizam o estado actual de desesperanza e rotura de todos os valores democráticos dos que tanto alardea o autodesignado Occidente. Ontem como hoje, os muros separam os povos e semeiam a intolerância. Em cada esquina, uma explosão, em cada rosto, medo. O mundo parece cada vez menos uma terra de fraternidade.

A brecha entre Oriente e Occidente, zarrapicada de numerosas guerras abertas en distintos puntos do mundo con golpes continuos de terrorismo e ocupacións ilexítimas, ábrese ante o aparente estupor de sociedades caladas e alienadas polo benestar. Non obstante, namentres nas altas esferas de poder os líderes políticos toman decisións, nas rúas, un rumor xordo sacode de cando en vez o lastrado para reclamar a súa propia voz. A participación dos cidadáns no ámbito decisorio ponse de relevo curiosamente non só nas urnas, concibidas como único mecanismo democrático polo poder establecido, senón nas manifestacións que, como un andazo de liberdade, se esplaian polas cidades para devolver o poder de decisión á cidadanía. O movemento por uma outra globalização, as masivas manifestacións contra a guerra en Iraq ou, e especialmente, o movemento cidadán Nunca Máis na Galiza serven de pulsómetro da temperatura social dun estado de inconformismo que só necesita o lume dun misto para se propagar.

Por iso nós, aqueles nos sentimos un pouco exiliados, tal como exiliado está o espírito de Abril, esiximos un abrente de esperanza como o que viviron os cidadáns do 25 de Abril de 1974. Trinta anos depois, é necessário recuperar a ilusão daquele momento decisivo.

11 razões para 30 cravos:

- 1. A voz debe ser devolta aos cidadáns, únicos baluartes dos sistemas democráticos, e as súas opinións non deben ser só ecos nas rúas senón clamores decisorios nos parlamentos e órganos executivos dos países
- 2. Defendemos a criação de mecanismos que permitam que as opiniões de organizações não governamentais (ONG's), associações, organizações profissionais e de todo e qualquer movimento cívico sejam ouvidas e seguidas pelos orgãos de poder para assim aumentar a participação plural do cidadão na vida pública
- 3. Repudiamos calquera forma de coerción da liberdade do individuo manifesta a partir de controis de fronteiras, pasaportes, linguas e culturas

- 4. Denunciamos todo o tipo de movimentos xenófobos contra outras culturas e povos e exigimos a criação de mecanismos para uma integração digna dos indivíduos nas sociedades de acolhimento
- 5. Defendemos os valores ecoloxistas que deteñan a destrucción dos ecosistemas e fagan este planeta máis habitable
- 6. Exigimos o fim imediato das ocupações de qualquer país do mundo e condenamos qualquer forma de "guerra preventiva"
- 7. Reclamamos o fin das masacres contra a poboación civil en calquera punto do planeta
- 8. Exigimos a queda de todos os muros que ainda se erguem no século XXI
- 9. Esiximos a protección dos dereitos fundamentais do individuo fronte ás políticas neoliberais de ocupación económica e unha aposta clara polo incremento de políticas sociais que garantan os servizos básicos a todos os cidadáns de todo o mundo, fazendo da educação a principal arma da guerra contra a desigualdade.
- 10. Rejeitamos a imposição de qualquer credo, ideologia política, idioma ou cultura e defendemos o direito à autodeterminação dos povos
- 11. Queremos unha rádio Babel, queremos que todas as rádios, xornais e televisións, como este texto, falen mais do que unha lingua e sejam casas mestizas de encontro entre as diferentes culturas

Atiramos ao vento a nossa senha:

Venham mais cinco, venham tantos e assinem todos os que queiram vir para o mundo gritar:

Abril Sempre Máis!